

03-05-2021

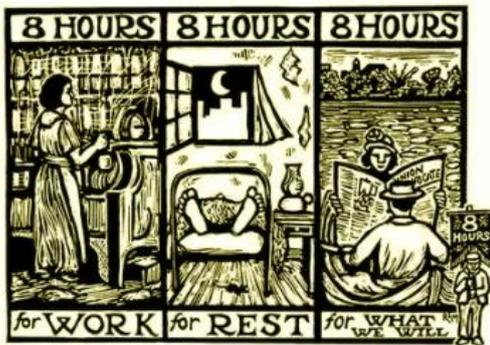
ORIGENS DO “1º DE MAIO”: LEMBRAR SEMPRE, PARA NÃO ESQUECER JAMAIS...

René Mendes

[Médico e Professor. Presidente da ABRASTT (Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora). Pesquisador Colaborador do Instituto de Estudos Avançados da USP]

Começo do começo, para lembrar que, a bem da verdade, o “1º de maio” não é o “Dia do Trabalho”, e sim, o “Dia do Trabalhador e da Trabalhadora”, no singular e no plural. Dia, aliás, de quem deveriam ser todos os dias, anteriores e posteriores a esta data, 365 dias nos anos normais, 366 dias nos anos anormais, ditos bissextos.

Porém, é quase certo de que nunca foi assim, o que ajuda a compreender a importância do 1º de maio de 1886, em Chicago (EUA), quando manifestações em prol de uma greve geral para a redução da jornada de trabalho a oito horas diárias, provocaram reações violentas e cruéis das forças policiais, que resultaram na morte de, ao menos, uma dezena de trabalhadores, e, no 4º dia da greve, na Haymarket Square, um atentado dentro das forças policiais foi falsamente atribuído às lideranças sindicais e anarquistas do movimento.



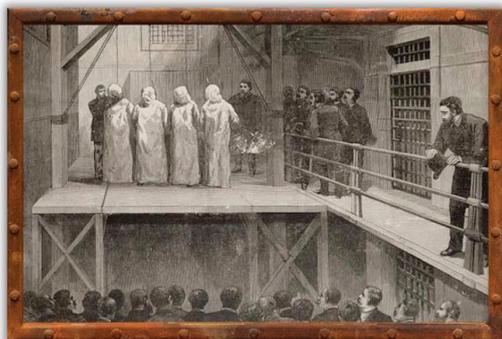
<https://chicagology.com/notorious-chicago/haymarket/>

Gravura representativa da luta pela limitação da jornada de 8 horas, motivo formal da greve geral dos trabalhadores em Chicago (EUA) e que se estendeu pelo país, até alcançar mais de 340 mil trabalhadores.

O julgamento, rápido e repleto de irregularidades e manipulações, culminou com a condenação à prisão perpétua de algumas lideranças de trabalhadores, e à pena capital por enforcamento, de outras sete.

HAYMARKET AFFAIR HANGINGS

Previous Story: GRANT PARK SOUTH END Next Story: IRENE HERNANDEZ PICNIC GROVE



<https://interactive.wttw.com/timemachine/haymarket-affair-hangings>

Enforcamento de 4 líderes sindicais anarquistas [Chicago, 11/11/1887] (desenho)

Após o suicídio de um dos líderes e à comutação da pena de outros dois (que aceitaram pedir clemência ao Governador de Illinois), quatro líderes foram enforcados em 11 de novembro de 1887. Era uma 6ª feira, e aquela data passou a ser conhecida como “Black Friday”.

Não de ‘liquidação’ no Comércio, mas de tentativa de liquidação de um pujante movimento social de trabalhadores, inspirado no síndico-anarquismo em países europeus, origem de muitos dos trabalhadores em Chicago.

.....
Quem nos ajuda a resgatar estas origens do “1º de maio” é José Martí [1853-1895], o político, intelectual, jornalista e filósofo cubano, em uma de suas páginas mais lindas e dramáticas, intitulada “Un drama terrible”, escrita em Chicago, em 13 de novembro de 1887, e enviada ao jornal argentino *La Nación* (do qual era correspondente em Nova York), texto que foi publicado na edição de 1º de janeiro de 1888. Mais do que jornalista correspondente, foi testemunha ocular e era um lutador engajado.

Muito embora os gravíssimos fatos da “tragédia de Chicago”, isto é, a condenação e enforcamento público dos “mártires de Chicago” tenham sido ocultados e manipulados pela mídia norte-americana da época, eles alcançaram grande repercussão no Exterior, e o texto de Martí – um dos mais ilustres latino-americanos e ‘cidadãos do mundo’ – permanece até hoje como uma das mais belas e dramáticas narrativas na História Social dos trabalhadores e trabalhadoras. A questão das jornadas de trabalho limitadas a oito horas era pauta óbvia e já atrasada, mas permanece ainda atual, mormente em um mundo marcado pela precarização do trabalho.

Ela deve ser entendida também, como emblemática da luta por melhores condições de trabalho, e pela histórica luta dos trabalhadores e trabalhadoras por sua emancipação, nela incluída o seu direito ao tempo livre. Retornando ao “1º de maio” – dia do início da greve pela jornada de oito horas - cabe lembrar que esta data foi escolhida pela segunda Internacional Socialista, reunida em Paris, em 1889, como dia a ser anualmente celebrado em homenagem às lutas operárias em Chicago.

Após repressão violenta similar, contra uma manifestação de trabalhadores no 1º de maio de 1891 no norte da França, que causou a morte de dez manifestantes, a Internacional Socialista, reunida em Bruxelas, proclamou a data como o dia internacional de reivindicação por melhores condições de trabalho.

No Brasil, com a chegada de trabalhadores europeus militantes do socialismo, comunismo e anarquismo, e a consequente organização dos movimentos sindicais brasileiros (que conseguiram organizar a grande greve de 1917 e muitas outras), o “1º de maio” também passou a ser celebrado pela classe trabalhadora.

O Presidente Artur Bernardes decretou esta data como feriado nacional, a partir de 1925.

[continua](#)

Contudo, na Era Vargas (1930-1945), o “1º de maio” enquanto Dia do Trabalhador passou a ser visto com desconfiança, e o “trabalhismo” varguista provocou um movimento de crescente clima de festa e um discurso de exaltação do Trabalho. Nesta data se anunciava o valor do novo “salário-mínimo”, e em 1943, nesta data, foi criada a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). E o discurso do Estado Novo, alinhado aos interesses do Capital (embora o tom populista) transformava o dia de pleitos e protestos, em dia de festejos e divertimento...

Assim, ao encerrar esta breve reflexão, pensamos ser mais do que oportuno, necessário e urgente “lembrar sempre, para não esquecer jamais” as origens do “1º de maio”, pois os ataques à classe trabalhadora - com armas de fogo, cassetetes, prisão, força e outras formas de asfixia - são históricos e centenários, porém cada vez mais violentos, destrutivos e sofisticados. Tal como o “canto da sereia” que transforma o “Dia do Trabalhador e da Trabalhadora” em “Dia do Trabalho”! ■ ■ ■

Referências:

- MARTI, José – Escritos Políticos y Sociales. Buenos Aires: Fundación Marco M. Avellaneda, 2001. p.99-117.
- GAZE, Rosângela; LEÃO, Luís Henrique da Costa; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel. – Os movimentos de luta dos trabalhadores pela saúde. In: VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel; OLIVEIRA, Maria Helena Barros (Org.) – Saúde, Trabalho e Direito: Uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória. Rio de Janeiro: Educam, 2011. p.257-356.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.